



**A LITERATURA NEGRA COMO PRÁTICA DE ENSINO NO
COMBATE À DISCRIMINAÇÃO RACIAL NAS AULAS DE
GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE DO LIVRO “A MENINA AKILI E
O TAMBOR FALANTE”**

BLACK LITERATURE AS A TEACHING PRACTICE TO COMBAT RACIAL DISCRIMINATION IN
GEOGRAPHY CLASSES: AN ANALYSIS OF “THE AKILI GIRL AND THE TALKING DRUM”

Ana Flávia Borges de Oliveira¹

Adriany de Ávila Melo Sampaio²

RESUMO

O presente artigo procura, a partir do livro “*A menina Akili e o tambor falante*”, de Verônica Bonfim (2016), identificar e analisar os conteúdos geográficos e as relações étnico-raciais referentes à inclusão da temática “História e Cultura Africana e Afro-brasileira” no âmbito da educação básica, tal como preconiza a Lei 10639/2003. Para isso, foi utilizada a literatura negra como maneira de aplicação da referida Lei no ensino de geografia. A literatura pode ser uma ferramenta pedagógica que aproxima o estudante dos conteúdos da geografia e pode assumir um papel importante ao trabalhar conteúdos relacionados ao continente africano como caminhos para a disseminação da igualdade racial e para a promoção de uma geografia antirracista. Buscou-se, então, uma história que tivesse o cenário de um país africano para possibilitar que as crianças, quando a ouvissem, pudessem identificar o lugar de origem dos personagens. A metodologia de pesquisa utilizada foi bibliográfica, com a seleção do livro de literatura infantil. Para a seleção do livro, foram observadas as seguintes características: autores negros; imagens que valorizassem o povo negro, trouxessem informações do continente africano de forma positiva e que contribuíssem com a autoestima da criança negra.

¹ Mestranda em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora Itinerante de Ensino Religioso da Prefeitura Municipal de Uberlândia (CEMEPE/SME/PMU). Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia na Perspectiva do Ser Humano Integral-GPEGPSHI-LAGEPOP. E-mail: anaflaviaborges97@hotmail.com

² Docente do Instituto de Geografia (IG) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia na Perspectiva do Ser Humano Integral-GPEGPSHI, e Grupo de Pesquisa Espaços de Educação e Espiritualidade - GPEEE, com base no Laboratório de Geografia e Educação Popular – LAGEPOP. E-mail: adrianyavila2@gmail.com

Concluiu-se que a literatura negra infantil pode possibilitar uma maior aproximação com a geografia da África, ensinando aos estudantes a reconhecerem a importância das matrizes africanas e de povos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Assim é possível desconstruir a história única sobre o continente africano.

PALAVRAS-CHAVE: Antirracismo; Construção Identitária; Contação de História; Ensino de Geografia; Literatura Negra.

ABSTRACT

The present article seeks, based on the book "A menina Akili e o tambor falante", by Verônica Bonfim (2016), to identify and analyze the geographic contents and the ethno-racial relations regarding issues related to the inclusion of the theme "African and Afro-Brazilian History and Culture" in the scope of basic education, as recommended by Law 10639/2003, using Black Literature as a way to apply this Law in the teaching of Geography. Literature is a pedagogical tool that brings students closer to Geography contents, which assumes an important role when working with contents related to the African Continent as ways to disseminate racial equality and the promotion of an Anti-racist Geography. We searched for a story that had the setting of an African country to enable the children, when listening to it, to identify the place of origin of the characters. The research methodology used was bibliographic, with the selection of a children's literature book; for such, the following characteristics were observed: black authors, images that valued black people, and that brought information about the African Continent in a positive way, and that contributed to the self-esteem of black children. Children's Black Literature can help the Geography teaching practice, revaluing the contents taught in the classroom and enabling the approach to the Geography of Africa, teaching students to recognize the importance of African matrices and people who contributed to the formation of Brazilian society, thus deconstructing the single history of the African Continent.

KEYWORDS: Antirracism; Identity Construction; Storytelling; Teaching Geography; Black Literature.

INTRODUÇÃO

A relação interdisciplinar entre geografia e literatura possibilita uma diversidade de abordagens dos conteúdos geográficos. A literatura pode ser utilizada de forma pedagógica para aproximar o estudante de conteúdos da geografia, uma vez que a leitura pode ser uma maneira de tornar cidadãos críticos diante de atitudes racistas da sociedade. A partir dessa concepção, este artigo propõe atividades introdutórias aos conceitos e categorias da geografia no ensino fundamental ii, tendo como base a leitura do livro infantil “A menina Akili e seu tambor falante”, da escritora negra e baiana Verônica Bonfim, com ilustração de Luciano Lima, edição 2016. Verônica Bonfim, autora do livro, é doutora na área socioambiental pela Universidade Federal de Viçosa e pesquisadora do continente africano, da diáspora negra e sua ancestralidade. O ilustrador Luciano Lima também é arquiteto e designer gráfico, desenvolve embalagens e diversas peças de comunicação para empresas e, na área das artes, faz ilustrações para produtos culturais, livros e catálogos.

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar os conteúdos geográficos referentes às relações étnico-raciais abordadas no livro “A menina Akili e seu tambor falante” (BONFIM, 2016), utilizando a literatura negra como recurso didático pedagógico para o ensino de geografia e como maneira de aplicação da Lei 10639/2003. O uso da literatura e de outras linguagens visa a aproximação do conhecimento de geografia com a realidade do estudante, facilitando sua compreensão e tornando as aulas mais dinâmicas e interessantes. A interdisciplinaridade entre a literatura negra e a geografia auxilia no combate ao racismo, na formação de identidade e da autoestima de crianças negras, assim como na valorização das diversidades africanas, rompendo narrativas e desconstruindo a concepção estereotipada do continente africano como história única.

Este artigo traz algumas reflexões sobre as primeiras representações de personagens negros na literatura brasileira, assim como o significado do tambor para a construção da identidade africana, afro-brasileira e indígena frente à religiosidade e como símbolo de luta e resistência em alguns territórios no contexto geográfico. Também é realizada a análise do livro infantil por meio do ensino de geografia e da educação das relações étnico-raciais, extraindo temas que podem ser trabalhados nas aulas de geografia. Destacam-se, no livro “A menina Akili e seu tambor falante” (BONFIM, 2016), a representatividade positiva e a preservação da identidade do povo negro no imaginário infantil, que se conectam com a ancestralidade africana e a

valorização da beleza e potência dos corpos negros, da cultura negra e do continente africano.

O ensino da cultura e história afro-brasileira precisa, primeiramente, desmitificar conceitos negativos enraizados na sociedade brasileira que, ao longo da história, foram vinculados ao negro e à sua cultura com a finalidade de inferiorizá-lo por meio de palavras e termos pejorativos que o desqualificam como ser humano (RAMOS; GOMES; SAMPAIO, 2017).

O trabalho constituiu-se no âmbito da atividade acadêmica intitulada “Roda de Conversa sobre Contações de Histórias no Ensino de Geografia”, a qual fomentou a construção de proposições metodológicas e práticas pedagógicas que auxiliassem o professor em suas aulas e potencializassem o ensino-aprendizagem a partir da mediação da contação de histórias.

POR UM CONCEITO DAS LITERATURAS

A presença do negro na literatura brasileira era na posição de personagem secundário e, de acordo com Duarte (2013, p. 146), a literatura “aparece com poucos personagens negros, de maneira rarefeita e opaca, com poucos versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional e presentes na memória dos leitores”, dando ênfase à escravização, ao preconceito, à estereotipia e à hipersexualização do corpo da mulher negra, como também havia a mínima presença de autores/as de pele negra na tradição literária do país. A questão não é segregar a literatura, mas mostrar que haviam muitos escritores brancos escrevendo sobre pessoas negras, entretanto, de um olhar de fora, de quem não passou pelas vivências que o outro passou ou passa.

Segundo Oliveira e Sampaio (2020), a literatura negra é escrita por autores negros autodeclarados, e seus escritos podem vir não somente em forma de denúncia do racismo, mas com os desdobramentos na vida do povo negro, como reivindicações do período escravocrata brasileiro, suas vivências, valorização de traços negros, as heranças culturais, a beleza do cabelo, a cor da pele, experiências pessoais sofridas por discriminação racial que ainda fazem parte do cotidiano brasileiro.

A denominação “literatura negra”, ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Nesse percurso, se fortalece a reversão das imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história. (FONSECA, 2006, p. 23-24)

O termo “literatura negra” surge quando o sujeito da escrita é o próprio negro que se autoafirma e, por isso, sua origem e seus valores são ressignificados. Essa ressignificação passou a ser defendida na primeira edição dos *Cadernos Negros*, na década de 1970, como ressalta Fonseca (2006, p. 14) para “desconstruir uma tradição literária que exclui a produção literária marcadamente política” e dar maior visibilidade ao sujeito negro, de modo a transformar o olhar da sociedade sobre a população negra brasileira.

Já a literatura afro-brasileira, segundo Duarte (2008, p. 13), “contempla o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências ou à glorificação de heróis, como Zumbi e Ganga Zumba”.

Já a expressão “literatura afro-brasileira” procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. (FONSECA, 2006, p. 24)

Trata-se da produção literária de sujeitos que se autodeclaram como afrodescendentes. Além disso, o termo literatura afro-brasileira remete ao processo contínuo de miscigenação cultural, linguística e religiosa da sociedade brasileira, tendo como principal característica a presença de um personagem que desconhece a identidade atribuída a ele pelo outro e o intuito em escrever sua história.

O autor Lobo (2007, p. 315 apud DUARTE, 2010, p. 119-120) traz que a literatura afro-brasileira “se distingue, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo)”. Para Fonseca (2006, p. 24), a literatura afrodescendente ou afro-brasileira se orienta em um duplo movimento: “insiste na constituição de uma visão vinculada às matrizes culturais africanas e, ao mesmo tempo, procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora”.

Portanto, uma literatura que representa o conjunto da produção literária dos países da África é a literatura africana, pois segundo Oliveira e Santana (2021, s/p.), “possui a capacidade de resgatar, afirmar, celebrar e trazer à vida o que o colonialismo, a escravidão, o racismo e o eurocentrismo tentaram apagar”. Os autores africanos escrevem em suas obras sobre seu povo, sua cultura, seus sentimentos e sobre o

continente africano, excluindo todas as opressões que a população negra africana sofreu no período colonial.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL: algumas reflexões

As Representações são significados produzidos pelos grupos dominantes (como, por exemplo, o Estado, a religião, a ciência e as instituições de forma geral), impostos na sociedade e reproduzidos coletivamente assim, são perpetuados em novas imagens, conceitos e discursos que reforçam as representações antigas. Elas possuem o poder de dar sentido ao mundo e controlar o comportamento da sociedade, que aceita e assimila (de forma também inconsciente) ideias elaboradas por grupos dominantes que orientam suas condutas, das mais simples até as mais complexas. Além de colaborar com a explicação de conceitos gerados em processos de mudanças e permanências em contextos de exclusão de sujeitos, seja de forma a invisibilizá-los ou colocá-los de forma pejorativa, na qual são representados socialmente por imagens estereotipadas e racistas pelos grupos étnico-raciais dominantes.

“Toda representação social é constituída como um processo em que se pode localizar uma origem, mas uma origem que é sempre inacabada, a tal ponto que outros fatos e discursos virão nutri-la ou corrompê-la” (MOSCOVICI, 2003, p. 218). A classe opressora faz as suas próprias representações sociais de diferentes grupos oprimidos. Para isso, construíram imagens racistas, que se perpetuaram na sociedade, advindas de padrões europeus e que tiveram apoio na estrutura social brasileira e no mundo como um todo, baseadas na hierarquia e na exploração de grupos subalternizados. Os argumentos para explorar e se sentir superior a outros grupos mantêm a representação social racista sobre todas as pessoas não brancas.

Segundo Pachêco (2019, p. 2), a literatura surge no Brasil por volta do final do século XIX e início do século XX, e os personagens negros na literatura aparecem após o período de escravidão, no final de 1920 e início de 1930. “É necessário lembrar que as primeiras histórias foram publicadas no período pós-escravidão, por isso as narrativas sempre vinculavam o negro à escravidão o que sustentava a condição de inferioridade pelo qual os negros passaram”. Historicamente, neste período, as representações sociais que o negro foi ocupando na literatura os mostravam em imagens estereotipadas, inferiorizadas e em condições subalternas, transmitindo mensagens e percepções do mundo imaginado.

Na década de 1990, a mulher negra era retratada na condição de empregada doméstica, cozinheira ou babá, com o estereótipo de servidão. Um exemplo clássico na literatura infantil é Tia Nastácia, de Monteiro Lobato, que construiu uma visão preconceituosa e racista para esta personagem. De acordo com Sousa (2005, p.188), “essa personagem, na condição de empregada de uma família matriarcal branca, passa a maior parte do tempo confinada em uma cozinha, espaço de desqualificação social, e quando tem a possibilidade de contar suas histórias, é reprovada pelos ouvintes [...]”. Um dos efeitos do racismo é o silenciamento e a exclusão de mulheres dos espaços sociais, fazendo com que elas aceitem essa posição que foi imposta, não se reconheçam como são e que continuem seguindo os anseios do grupo dominante.

A cor negra na literatura fazia alusão à maldade, sujeira, tragédia e relação com algo ruim, algo que ainda hoje podemos ver em outras linguagens. Muitos personagens negros eram representados de maneira caricatural e de animais. Isso começou a mudar em meados da década de 1980, com o fortalecimento dos movimentos sociais, a partir de textos com personagens negros resistentes à luta do preconceito e buscando a ruptura de representações que os inferiorizam e desvalorizam a diversidade e a identidade negra.

Nas produções literárias contemporâneas, a escrita infanto-juvenil usará elementos da tradição oral africana, por exemplo, a releitura ou adaptações de mitos, lendas, cantigas e contos para a ressignificação do personagem negro ou afrodescendente. Esse passa a assumir papel de personagem principal, cuja representação é mais diversificada e menos depreciativa, fugindo do que foi elaborado antes. As narrativas apresentam novas características em relação ao personagem negro como: as diferentes faixas etárias, a importância da figura da mãe, da avó, a valorização da beleza negra com traços do estilo africano (penteados, trajes, acessórios e simpatia). (PACHÊCO, 2019, p. 4)

Após a década de 1980 surgiram diversas obras escritas por autores negros preocupados em romper a discriminação racial no mundo da literatura, e o Movimento Negro foi crucial para transformar esse cenário em representações positivas. Em 2003, a Lei 10.639 foi promulgada, alterando a LDB/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira no currículo. Segundo Alves e Reis (2020, p. 238), “nesse caminho, depois da aprovação da Lei nº 10.639 de 2003, a produção editorial, no que tange à temática africana e afro-brasileira, obteve um aumento considerável em obras literárias e acadêmicas”.

Nos livros didáticos nos deparamos com a invisibilidade dos negros ou com a representação de maneira negativa em cargos e posições subalternas. A literatura

brasileira foi fundada em um histórico de representação negativa das pessoas negras, e isso começou a mudar em meados do século XX, quando autores negros começam a escrever sua própria história e a reproduzir de forma positiva sua vivência e o seu ponto de vista na literatura negra.

As representações sociais estão na base do Racismo Estrutural, contribuindo para a justificativa das desigualdades e das diversas opressões que atingem a população negra e a própria África como um continente. O povo negro teve e ainda tem sua história, sua ancestralidade, sua cultura e contribuições no campo social, cultural, político e religioso silenciados e invisibilizados. No Brasil, especialmente, existe o apagamento histórico da importância das contribuições dos povos africanos na formação social, econômica e cultural nacional. A luta hoje do Movimento Negro, entre outras questões, é por este reconhecimento, pois sempre resistiu às opressões do cotidiano e reivindicou direitos e condições iguais.

Para Pestana (2019, p. 443), é de extrema importância que “os livros infantis com temática étnico-racial prezem por uma qualidade estética, imagética e narrativa, [...] e não perpetuem o racismo e os estereótipos presentes na sociedade”, trazendo elementos importantes da cultura africana e afro-brasileira que são necessárias para o processo de construção da identidade e ressignificações na infância. A literatura negra traz uma nova estrutura com representação social positiva do negro, favorecendo a interação entre as crianças e jovens a se afirmar com sua identidade cultural negra.

AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DE “A MENINA AKILI E O TAMBOR FALANTE” NAS AULAS DE GEOGRAFIA

O ensino de geografia tem papel definitivo na formação da cidadania e, a partir da Lei 10.639/2003, foi estabelecido que é fundamental que os profissionais da educação em geral trabalhem a História e Cultura da África e Afro-brasileira, por meio da literatura ligada com as temáticas das questões raciais, com intuito de fortalecer a construção das identidades e autoestima das crianças negras.

A Lei 10.639/2003 trata sobre a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira, conteúdo que ainda é pouco privilegiado na Educação. Por isso a lei é considerada um marco jurídico legal conquistado por lutas antirracistas do Movimento Negro, na qual é possível reconhecer a importância do combate ao racismo, com lutas e ações para a construção de uma educação antirracista no cotidiano escolar.

Um das maneiras de comprometer a geografia com as exigências da Lei é por meio da interdisciplinaridade que, de acordo com os dizeres de Bonatto et al. (2012), “é um importante elo entre o entendimento das disciplinas nas suas mais variadas áreas, porque abrange temáticas e conteúdos, permitindo, dessa forma, recursos inovadores e dinâmicos em que as aprendizagens são ampliadas”.

A interdisciplinaridade é uma importante ferramenta que une variadas disciplinas para compreensão de mundo, troca de saberes e ampliação do conhecimento. Então, por meio dessa perspectiva interdisciplinar, considera-se a literatura negra uma forma de aplicar a Lei 10.639/03 no ensino de geografia, como uma metodologia que permite quebrar os paradigmas racistas contidos na sociedade. “A literatura permite ensinar, de forma lúdica, diferentes conteúdos da Geografia, contribuindo assim para a aplicação da Lei nº 10.639/2003” (RAMOS; GOMES; SAMPAIO, 2017).

A obra analisada, “A menina Akili e o seu tambor falante”, foi escrita por Verônica Bonfim e publicada em 2016 pela editora Nandyala, conforme ilustrado e descrito na figura 1. Com incríveis ilustrações de Luciano Lima, narrada em terceira pessoa, o enredo traz a história de Akili, uma menina nascida na pequena aldeia de Adimó. Ela entra no tambor quando os navios europeus chegam nas aldeias africanas trazendo muita dor e coisas ruins ao seu continente.

Capa do livro A menina Akili e seu tambor falante



Fonte: BONFIM, 2016, capa.

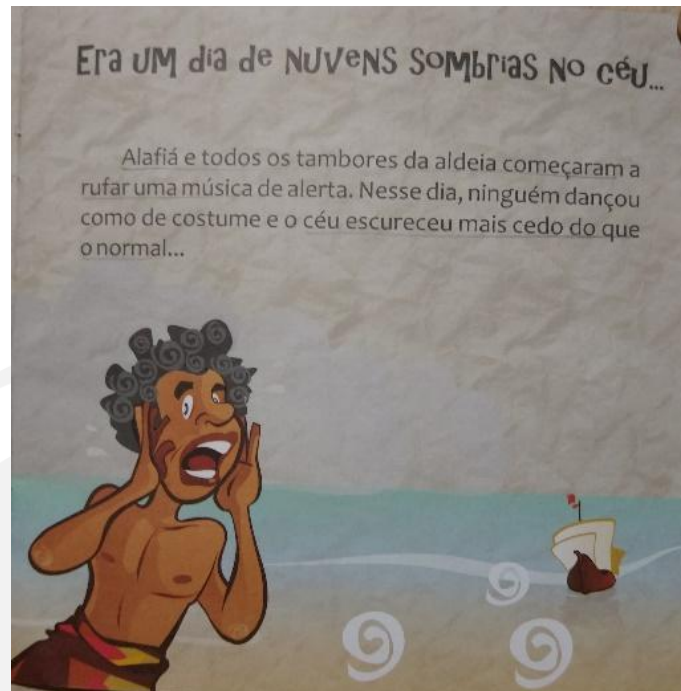
Quando ela acorda e sai do tambor, deseja ser uma griot e levar a história do seu povo para todo o mundo e, graças a esses contadores, conhecemos a verdadeira história do povo africano. As imagens feitas neste livro remetem aos aspectos marcantes para a valorização do Continente na formação da identidade feminina negra, como o cabelo, a cor da pele, as características físicas, que dão maior importância à aceitação da própria beleza e um olhar positivo aos elementos da negritude.

Nesta obra a autora remete o leitor a visualizar a valorização da ancestralidade, da identidade, da cultura africana e do seu lugar de origem, a África, pois tanto na capa quanto nas primeiras páginas do livro encontram-se imagens do mapa do Continente africano, destacando que é um lugar de luta e resistências para a população negra deste continente. Como é descrito por Morais e Laureano (2019), “a compreensão da produção do espaço africano como lugar destaca que ele não é simplesmente uma resistência às tentativas de hegemonia histórica e espacial, mas uma luta para nos colocarmos como sujeitos da história e da espacialidade.”

Neste sentido, um dos temas que pode ser trabalhado pelo professor de geografia é o continente africano para que haja a desconstrução da história única de que a África é um país, rompendo hierarquias sociais e domínio político em um território. Assim, é possível ressaltar que a história e cultura da África neste livro é representada de maneira positiva, valorizando a identidade e cultura dos reinos no continente.

O livro conta que o tambor Alafiá soltou um ronco, Akili se assustou e ficou quietinha e protegida dentro dele e seu tambor dormiu por três noites seguidas. Depois quando acorda assusta, Akili encontra a aldeia com o clima muito estranho. Mal imagina Akili que começava o período de guerras, medo e dor para seu continente. A Figura 2 mostra o desespero dos moradores com a chegada dos navios europeus em terras africanas, pressentindo que algo ruim se aproximava.

Desespero dos moradores da aldeia com a chegada dos europeus



Fonte: BONFIM, 2016, p. 9.

Akili acordou e precisava entender o que houve, pois ainda estava tudo estranho e não tinha festa na sua aldeia. Então a Senhora das Águas, confortando a menina, disse:

Pequena princesa Akili, não chore! Não tenha medo... Você precisa ser forte para enfrentar as dificuldades e olhar para outros mundo além do seu... Existem outros lugares e pessoas para quem nem tudo é amor, nem tudo é felicidade... São outros mundos para onde o grande barco os levaria... (BONFIM, 2016, p. 12)

A menina Akili sonhou que estava em outro lugar e vivendo momentos estranhos com o pessoal da aldeia, porém, o que aconteceu foi realidade. Os europeus chegaram ao continente africano, capturaram e levaram à força homens e mulheres negros para servirem de mão de obra barata para outros continentes, iniciando assim o período de escravização que durou por 300 anos, com muita injustiça, dor, sofrimento e situações desumanas. Com a chegada dos africanos escravizados no Brasil, por volta dos séculos XVI e XIX, é importante ressaltar o papel que essa população teve no processo de formação brasileira, além de reconhecer a África como parte da cultura e da história do país.

Nas aulas de geografia, o professor pode abordar a história da África como o berço da humanidade, pois é rica e diversa, e elencar os aspectos físicos, naturais,

sociais e econômicos do continente, apresentando como eram a organização das primeiras civilizações, reinados e impérios africanos antes da chegada dos europeus. Um exemplo citado na obra é o Reino de Íretí, que é descrito como rico, fabuloso e cheio de festas. É possível, então, destacar o surgimento de vários reinos na África, que exerceram grande controle político sobre o continente e estabeleceram significativas relações comerciais com outras regiões do planeta.

Para isso, é preciso existir uma formação inicial e continuada de professores e pesquisadores antirracistas que consigam promover a ressignificação de olhares sobre a África e os africanos, desconstruindo e rompendo os estereótipos e preconceitos sobre essa população. E através da literatura negra essa formação pode contribuir para a construção de reconhecimento referente à identidade racial e diversidade cultural vinda da África, sendo capaz de romper com a história única do continente que é contada pelos grupos dominantes.

A IMPORTÂNCIA DO TAMBOR E O ENSINO DE GEOGRAFIA: discussões iniciais

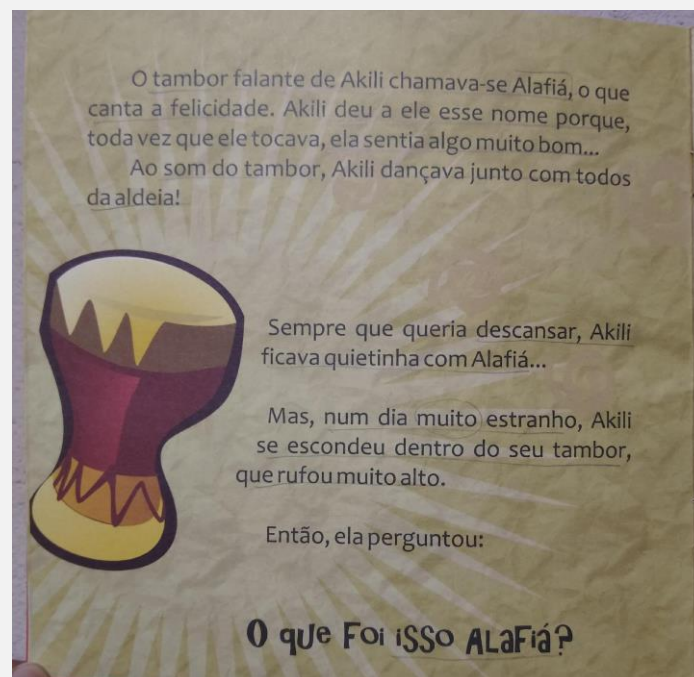
O tambor é um instrumento de percussão que possui relação com a musicalidade, a comunicação e a religiosidade. Acredita-se que os primeiros tambores surgiram pelas escavações arqueológicas do período Neolítico. Consiste em um objeto físico-simbólico de vivência coletiva herdado das tradições africanas e indígenas. Ele é considerado um elemento importante de afirmação cultural e instrumento sagrado das religiões de matrizes africanas e dos cultos afro-indígenas, pois é fabricado com a pele de um animal como oferenda a uma entidade.

Nos dizeres de Dozena (2020, p. 2), “os tambores estão diretamente vinculados a manifestações exercidas por comunidades afrodescendentes comumente invisibilizadas”, que a maioria das vezes sofrem discriminações e atos racistas. Na cultura indígena, é utilizado nos rituais de cura, nas danças em agradecimento aos alimentos, nas festividades e conexão com a ancestralidade. Nos rituais das religiões de matrizes africanas como, por exemplo, na Umbanda, o toque do tambor estabelece comunicação com as entidades espirituais. Outros contextos que o tambor está presente são nas manifestações e festas populares brasileiras, principalmente nas regiões norte e nordeste do Brasil, como também no carnaval, na Festa da Congada, nas Folias de Reis e em outras festividades.

Os tambores falantes da África Ocidental são famosos por sua capacidade de imitar de perto os ritmos e entonações da palavra falada, os músicos mais habilidosos podem reproduzir o diálogo entendido por um público experiente. Ao enviar as mensagens, elas podem ser transportadas por quilômetros. (CHAROTH, 2022, s/p)

O tambor falante (Figura 3) é um dos mais antigos instrumentos musicais africanos utilizados pelos griots da África Ocidental, em forma de ampulheta, com suas extremidades cobertas com couro e amarradas entre si por tiras. “Os sons deste tipo de tambor podem ser regulados, e podem ser conhecidos por tambor de comunicação” (MARTUSCELLI, 2020, s/p). Na história do livro, quando o tambor falante Alafiá tocava, transmitia um sentimento muito bom e de alegria tanto para Akili quanto para todos da aldeia, mas em um dia anormal o tambor “rufou muito alto” (BONFIM, 2019, p. 6).

O Tambor Falante de Akili



Fonte: BONFIM, 2016, p. 6.

Além de servir para os rituais africanos, o tambor também serve como meio de comunicação, como destaca Kambeba (2014, s/p.), “o tambor em sua essência e utilidade é utilizado para enviar e receber mensagens”. O ronco do tambor da história foi um aviso de alerta do que poderia acontecer na aldeia, por isso, preferiu proteger a menina Akili por muitos anos.

A força do tambor pulsa igual um coração que anuncia a vida e a cultura de uma nação. Preservar e respeitar o som do tambor deve ser algo vivenciado

por todos como elemento sagrado. Nele reside a força de bravos guerreiros, a força dos encantados. (KAMBEBA, 2014, s/p.)

Os sons dos tambores precisam ser preservados, pois além de serem vistos como meios de comunicação importantes das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, são considerados essenciais para contar histórias que possuem elo com os antepassados e transmitem notícias o mais rápido possível. Após os colonizadores levarem os africanos escravizados como “mercadorias” dentro das grandes navegações, Akili teve o desejo que recontar a verdadeira história do seu povo e de seu lugar para o mundo todo junto com seu tambor Alafiá, assim como foi ensinada pelos mais velhos e sábios, sua avó Binda e seu avô Dito.

Nos dizeres de Silva, Santos e Brustolin (2019, p. 111), o tambor é “joia lapidada em processos de resistência e de luta que se forjaram durante os fluxos de irmandades no sistema escravista [...] e é arma poderosa nos processos de afirmação identitária e territorial”. É importante para o contexto da Geografia compreender o significado do tambor para a construção da identidade e como símbolo de luta e resistência para aqueles territórios em que o tambor esteja presente como, por exemplo, em terreiros, congados, quilombos, entre outros.

O tambor foi e é muito relevante nos processos de resistência e insurgência popular dos grupos afrodescendentes. Desde seu primórdio, na época da escravatura, quando era usado para despistar os senhores, enquanto os negros se organizavam para fugir das fazendas, até os dias atuais, onde é usado como instrumento de (re)afirmação identitária, opera como instrumento de luta e organização social, tanto para o enfrentamento nas ocupações dos “espaços públicos”, como nas manifestações populares. (SILVA; SANTOS; BRUSTOLIN, 2019, p. 116)

Desde a época de escravização até os dias atuais, o tambor faz parte da cultura dos africanos e afro-brasileiros comumente invisibilizada. Ele é utilizado tanto nas expressões artísticas, como festas, músicas e danças, quanto nas lutas, nos combates rituais de iniciação e cerimônias religiosas, operando como símbolo da identidade negra como construção social, histórica e cultural repleta de conflitos e diálogos. O tambor ainda carrega estereótipos de demonização quando associado às manifestações culturais, como a capoeira, e às religiões de matrizes africanas, sendo estigmatizado e discriminado na sociedade, mas é necessário reconhecer que é um instrumento de resistência do negro no Brasil, que valoriza as identidades e diferenças.

Na Geografia, vale salientar a importância do tambor nos processos de territorialização, pois são nas estratégias de lutas que os grupos sociais expressam sua

revolta e manifestação para ocupar o seu território. Bem como, é importante dar visibilidade para as culturas dos afrodescendentes, usando o tambor como símbolo para percorrer a história e cultura africana e sua diáspora, a resistência dos escravizados e as implicações do processo de formação cultural e territorial brasileira, além de desconstruir as representações racistas contidas sobre o tambor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na literatura negra como proposição pedagógica é pensar em uma educação antirracista, junta à necessidade de transformação dos padrões eurocêntricos e ideológicos. O educador, antes de levar um livro infantil para compor as aulas de geografia, deve realizar uma leitura crítica com o texto e as imagens, analisando o papel do personagem negro como protagonista ou em atividades valorizadas e posição de poder, possibilitando a interdisciplinaridade e relação com os conteúdos geográficos.

As lutas antirracistas vieram para quebrar o silenciamento, em que o protagonismo negro sofreu na literatura, causado pelo racismo estrutural. O estímulo da leitura de livros que tenham o protagonismo negro e que representam de maneira positiva a diversidade, a identidade, a valorização da ancestralidade e cultura do continente africano, precisa ser valorizado para reforçar a importância da representatividade negra na literatura infantil, e isso pode ser visto no livro analisado.

Uma forma de cumprir a Lei 10.639/2003 no ensino de geografia é através da interdisciplinaridade, sendo possível utilizar a literatura negra como forma de inserir ações e atividades pedagógicas em salas de aula. Por meio do estudo sobre a África a partir de livros literários, o aluno será capaz de desconstruir visões reduzidas e equivocadas do continente e obterá maior conhecimento acerca das contribuições africanas para a sociedade brasileira. Por isso, é importante que conteúdos étnico-raciais estejam presentes nas aulas de geografia ao longo de todo ano escolar, e não somente ser trabalhados nas datas comemorativas como, por exemplo, nos meses de maio e novembro. Assim, é possível contribuir com a igualdade e eliminar toda forma de racismo e discriminação presente na sociedade.

Selecionar uma literatura que retrata em sua narrativa a história dos povos africanos, a diversidade étnica e a valorização da cultura negra, se atentando para a representação de imagens, que por ora podem conter estereótipos desfavoráveis, é importante para a quebra de paradigmas e costumes enraizados por culturas coloniais e eurocêntricas. Nesse sentido, a representação literária negra humanizada pode

ajudar a romper paradigmas que ainda controlam a história e cultura de grupos dominados e nutrem práticas racistas, de que o branco é um ser superior aos grupos invisibilizados.

A literatura negra infantil pode auxiliar na maneira em que a geografia é ensinada, revalorizando os conteúdos ministrados em sala de aula e, com este recurso metodológico, possibilitar a aproximação com a geografia da África e incorporar a Lei 10.639/03 no currículo de geografia. Além disso, esta literatura pode ensinar aos estudantes a reconhecerem a importância das matrizes africanas e de povos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira, e a desconstruir a história única sobre o continente africano.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Mariana de Souza; REIS, Maria da Conceição dos. Identidade da mulher negra e literatura infantil: entre os cabelos de Lelé e os de Cora. In: **Revista Diálogos**, v. 8, n. 8, p. 235-258, abr./ago., 2020.
- BONATTO, Andréia. et al. Interdisciplinaridade no ambiente escolar. In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPED, 12., 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2414/501>> Acesso em: 28 out 2020.
- BONFIM, Verônica. **A menina Akili e seu tambor falante**. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- BRASIL. **Lei número 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2003.
- CHAROTH, Alicia. A importância dos tambores a tradição africana. **Sossego da Flora**, mai. 2022. Disponível em: <<http://sossegodaflora.blogspot.com/2022/05/a-importancia-dos-tambores-na-tradicao.html>>. Acesso em: 11 set. 2022.
- DOZENA, Alessandro. As comunidades do tambor brasileiras como patrimônio latino-americano. **Posición**, v. 4, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/350071265_As_Comunidades_do_Tambor_Brasileiras_como_Patrimonio_Latino-Americano>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DUARTE, Eduardo Assis de. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 31, p. 11-23, jan./jun., 2008.
- DUARTE, Eduardo Assis de. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez., 2013.
- DUARTE, Eduardo Assis de. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez., 2010.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: FORENTINA SOUZA, Maria Nazaré Lima (org.).

Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 9-38.

KAMBEBA, Márcia Wayna. O tambor como elemento de afirmação da cultura indígena. In: **Recanto das Letras**, s/p, 2014. Disponível em:

<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/4850967>. Acesso 10 set. 2022.

MARTUSCELLI, Rafaela. 5 instrumentos musicais da África para você conhecer. In: **Mundo da Música**, Porto Alegre, s/p., set./2020. Disponível em:

<https://blog.mundodamusica.com.br/5-instrumentos-musicais-da-afrika-para-voce-conhecer/#:~:text=Tambor%20falante&text=O%20tambor%20falante%20%C3%A9%20um,por%20%E2%80%9Ctambor%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D>. Acesso em: 11 set. 2022.

MORAIS, Jonny Alan; LAUREANO, Júlia Gabriela Valverde. O conceito de lugar na produção do espaço africano. In: Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as SUL, 4, 2019, Jaraguão-RS. **Anais...** Jaraguão, 2019.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p. Editado em inglês por Gerard Duveen; Tradução de Pedrinho A. Guareschi.

OLIVEIRA, Ana Flávia Borges de; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo. A literatura negra infantil como prática antirracista nas aulas de Geografia. In: Encontro Nacional de Antirracismo na Educação em Geografia, 1, 2020. Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, 2020. p. 58-66.

OLIVEIRA, Bruno Ribeiro; SANTANA, Rafael Barbosa de Jesus. O papel social da literatura africana. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Acervo Online – África, s/p., out./2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-papel-social-da-literatura-africana/>. Acesso em: 22 set. 2022.

PACHÊCO, Gláucia Caroline Silva. A temática afro-brasileira na literatura infanto-juvenil e as relações étnico-raciais. In: Congresso Nacional de Educação, 6, 2019. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2019. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA6_ID12752_16092019180102.pdf> Acesso em: 01 jun. 2021.

PESTANA, Cristiane Veloso de Araújo. A literatura afro-infantil: representação e representatividade. In: Encontro Nacional de Literatura Infantil/Juvenil: teorias e práticas leitoras, 1, 2019. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2019, p. 440-463. Disponível em:

https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/ANAIS_IENLIJ.pdf. Acesso em: 13 set. 2022.

RAMOS, João Paulo Bernardo; GOMES, Fernanda Lamanes; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo. Contação de histórias na Geografia: contribuições da educação popular para o ensino da história e cultura afro-brasileira. In: **Revista Ed. Popular**, Uberlândia, v. 16, n. 1, p. 63-71, jan./abril. 2017.

SILVA, Joércio Pires; SANTOS, Dayanne da Silva; BRUSTOLIN, Cíndia. O tambor pra nós negros é uma segurança de vida. **Kwanissa**, São Luís, n. 4, p. 110-125, jul./dez., 2019.

SOUSA, Andréia Lisboa. A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira. In: SECAD. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005, p. 185-204.

